O EROTISMO SAGRADO EM A PAIXÃO SEGUNDO G.H. DE CLARICE LISPECTOR

NORBERTO PERKOSKI

As narrativas de Clarice Lispector organizam-se de forma a romper com o estático, o mecânico. Em suma, estão estruturadas dialeticamente. No entanto, é também verdade que, num primeiro momento, os personagens aparecem reificados. Dito de outra maneira, o ser não é sujeito de sua historicidade e, sim, objeto. Os protagonistas não acontecem as coisas, unicamente reagem de maneira mecanizada ao mundo estabelecido. A ruptura ocorre quando se dão conta, conforme a primeira lei da dialética, de que "tudo é ou está em processo, em mudança". Dão-se conta, também, do encadeamento de todas as ações e das contradições inerentes à evolução do ser.

Contudo, nos contos de Clarice, a transformação da quantidade em qualidade não se concretiza plenamente. A síntese dialética não se realiza porque não há o salto, uma vez que, para que o mesmo se evidenciasse, as mudanças deveriam ser contínuas e acumuladas. Nem poderia ocorrer pelo próprio gênero do conto, que não possibilita a repetição. O romance é o gênero apropriado para tal fim. A síntese dos opostos ocorre, por exemplo, no romance *A paixão segundo G.H.* (1964), quando a personagem incorpora realmente o seu lado selvagem, primitivo, ao comer uma barata.

O ser em processo, em contínua mudança já nos é dado pelo próprio aspecto formal da narrativa, que inicia (inicia?) de forma particular, inusitada e inabitual, por seis travessões, que remetem a um antes, e termina (termina?) por outros seis travessões, revelando uma continuidade. A apreensão, mesmo que momentânea, de um momento da "neutralidade" é o que nos relata a narradora G.H. Logo, a narrativa é também um processo que tem por intento "chegar" ao inexpressivo do ser.

A personagem-narradora, retrospectivamente, enfoca a sequência de sua "paixão": um paulatino aproximar-se da essência humana a fim de se colocar no centro da mesma: uma descoberta, uma revelação, enfim, uma epifania. E a maneira como isso ocorre é através de um também lento e gradual aproximar-se do erotismo sagrado até instalar-se, por fim, em seu cerne.

Georges Bataille, em sua obra *O erotismo* (1957), apresenta três formas do mesmo: dos corpos, dos corações e do sagrado e afirma que "do erotismo é possível dizer que ele é a aprovação da vida até na morte" (p.11). E mais:

O erotismo é na consciência do homem quando que põe nele o ser em questão (...) Em certo sentido, o ser se perde objetivamente, mas nesse momento o indivíduo identifica-se com o objeto que se perde (p.29).

Até o momento da entrada no quarto da empregada, onde vai ocorrer o momento epifânico, G.H. afirma que:

A espirituosa elegância de minha casa vem de que tudo aqui está entre aspas (p.27).

(...) quanto a mim mesma, sempre conservei uma aspa à esquerda e outra à direita de mim (id.).

Essa vida "entre aspas", essa citação de si mesma, ou melhor, esse existir por procuração, alienado e pertinente ao que os outros esperam dela, é o que passará a ser questionado pela personagem-narradora.

Colocados em um segundo plano, uma vez que já vivenciados, o erotismo dos corpos e o dos corações revelaram-se insuficientes.

Basta o olhar de um homem experimentado para que ele avalie que eis uma mulher de generosidade e graça, e que não dá trabalho, e que não rói um homem: uma mulher que sorri e ri. Respeito o prazer alheio, e delicadamente eu como o meu prazer, o tédio me alimenta e delicadamente me come, o doce tédio de uma lua-de-mel (p.27-8).

Atente-se para o uso erótico do verbo "comer", com todas as ilações sensuais e possessivas inerentes ao termo em nosso contexto sócio-lingüístico: apropriação, incorporação, devoração do outro. E mais: a sua carga de obscenidade, de agressividade, abrandadas pela reiteração do advérbio "delicadamente". Ele — "o comer" — aparecerá mais adiante, com toda a sua força expressiva, despojado desse abrandamento.

É pertinente que se saliente o que Bataille esclarece sobre o *interdito* e a *transgressão* como elementos desveladores do ser:

Os homens são em um mesmo tempo submetidos a dois movimentos: o terror, que intimida, e a atração, que comanda o respeito fascinado. O interdito e a transgressão respondem a esses dois movimentos contraditórios: o interdito intimida, mas a fascinação introduz a transgressão.

O fascínio levará G.H., já no círculo mais interno do quarto de Janair, a empregada, a diversas ações que ultrapassarão os limites de sua visão racionalizada do mundo, gerando-lhe sentimentos antitéticos, sendo que o ato de matar a barata é um dos pontos mais altos dessas infrações porquanto, na verdade, como salienta Solange Ribeiro de Oliveira em *A barata e a crisálida* (1985), "a empregada e o inseto são a mesma figura" (p.63). Instaura-se a partir daí o que Bataille denomina "a certeza de fazer o Mal", o que gerará, além disso, uma série de outras reflexões que expulsarão a personagem-narradora da sua vida "entre aspas", jogando-a, enfim, ao "nível da Natureza" (p.49):

Sem nenhum pudor, comovida com minha entrega ao que é o mal, sem nenhum pudor, comovida, grata, pela primeira vez eu estava sendo a desconhecida que eu era — só que desconhecer-me não me impediria mais, a verdade já me ultrapassara: levantei a mão como para um juramento, e num só golpe fechei a porta sobre o corpo meio submerso da barata... (p.49, grifo meu).

Essa mulher calma que eu sempre fora, ela enlouquecera de prazer? Com os olhos ainda fechados eu tremia de júbilo (p.50, grifo meu).

Como num processo ritualístico, o sacrifício do outro possibilita o salto transcendente — o que, num todo, será renegado ao final da trajetória por G.H. — e o conseqüente ingresso em outras e diametralmente opostas potencialidades humanas, para além da racionalidade.

É imprescindível que se aponte aqui, ao nível formal da narrativa, o uso de um travessão a mais (sete) tanto do início quanto do final do processo narrativo (seis), o que esclarece não só a ultrapassagem de uma realidade conhecida, mas também a impossibilidade de tradução de linguagens de mundos distintos: o da imanência/profano e o da transcendência/sagrado. O enunciado diz mais que a enunciação e, paradoxalmente, o significante não encontra o seu significado no universo lingüístico anterior. O silêncio é a sua marca.

A provação iniciática, o rito de passagem é estabelecido, no processo narrativo, pelo situar-se *entre* dois mundos: o da imanência e o da transcendência. A situação-limite de estar *entre* os dois pólos e abarcá-los momentaneamente cria um espaço do conhecer distinto, diferente, tanto do pensamento estritamente racionalizado quanto do meramente emocional.

O “abandono da organização humana” (p.94) e o ingresso nesse estado de captação do mundo extremamente inusitado possibilita, dito de outra forma, a apreensão do real com um “sentimento de irrealidade da realidade” (p.96). Esse é, portanto, o momento de entrada no “neutro”, no “inexpressivo”, no “diabólico”, na “vida pré-humana”. Para atingir tal fim, G.H. utiliza-se do mais vil, do mais abjeto e, ao mesmo tempo, do que é mais ancestral na natureza humana: “Eu fizera o ato proibido de tocar no que é imundo” (p.67); “(...) é proibido porque o imundo é a raiz” (p.68).

Há, portanto, uma ultrapassagem dos códigos instituídos pela moral cristã e a busca do sagrado se instaura por intermédio, não do seu oposto, o profano, e sim pela própria oposição interna de forças contrárias inerentes ao próprio sagrado, pois como elucidativamente esclarece Bataille: “(...) o sagrado para o pagão podia ser também o imundo”.

Com o espaço também ocorre uma mudança de código, uma desconstrução: o profano *torna-se* sagrado. Depois de matar a barata, o quarto da empregada transforma-se em oratório para G.H. Estamos frente à “fundação do mundo”, no dizer de Mircea Eliade, que torna possível “a passagem ontológica, de um modo de ser a outro”.

Não é só o espaço que transmuta-se. Também a noção temporal sacraliza-se. Mircea Eliade afirma que o tempo sagrado mantém-se sempre igual a si mesmo, não muda nem se esgota.

Vejamos alguns exemplos sobre a visão do tempo que possui G.H. e que corroboram esta idéia:

Do alto deste edifício o presente contempla o presente. O mesmo que no segundo milênio antes de Cristo (p.102).

Dá a três milênios o petróleo secreto jorraria daquelas areias: o presente abria gigantescas perspectivas para um novo presente (p.103).

O futuro, aí de mim, me é mais próximo que o instante já (p.118).

O “neutro” é o termo usado por G.H. para designar, entre outras, essas alterações espaço-temporais da percepção do mundo, que irão possibilitar que ela atinja o seu núcleo, o seu centro:

O neutro. Estou falando do elemento vital que liga as coisas. (...) Deixa eu te dizer o mais assustador:

Eu estava sendo levada pelo demoníaco.

Pois o inexpressivo é diabólico.

Para atingir esse ponto central é necessário que G.H. passe “pela porta da danação” (p.115) onde, segundo suas próprias palavras, “*comi a vida e fui comida pela vida*” (p.115) e “em mim mesma eu vi como é o inferno” (p.115, grifo meu).

Para G.H., o *comer*, associado ao erótico sagrado, passa a ser uma imagem-chave extremamente desveladora da sua participação no ritual sacro que ela se auto-institui:

(...) esse era o inferno, onde quem *comia* a cara viva do outro *espojava-se* na alegria da dor (p.116, grifo meu).

(...) eu e nós como larvas nos devoramos em carne mole” (p.117).

As baratas se roem e se matam e se *penetram* em procriação e se *comem* num eterno verão que anoitece (p.119, grifo meu).

(...) reduzidos a pequenos chacais, nós nos comemos em riso (p.120).

O seu êxtase, ou seja, a sua interação com a divindade assemelha-se muito às experiências dos santos e dos místicos, onde a individualidade tende a desaparecer e, conforme já vimos com Bataille, o ser apresenta “o sentimento da perda do controle de si mesmo” (Op. cit. p.223):

E no soluço o Deus veio a mim, o *Deus me ocupava toda agora*. Eu oferecia o meu inferno a Deus.

(...) somos intensamente aproveitados por Deus; corpo e alma e vida são para isso: para a intertroca e o êxtase de alguém (*A paixão segundo G.H.*, p.147, grifo meu).

No entanto, a intensificação perceptivo-emocional decai quando pretende atingir o seu ponto máximo, o clímax: a ultrapassagem do nível simbólico de considerações imanentes para a transcendência da incorporação, da devoração do outro, através do ato de comer verdadeiramente a barata, acontece num momento de calma. Não antes, entretanto, de a narradora ter vomitado o leite e o pão que havia comido no café da manhã. A inflação simbólica é expelida através de resíduos reais. E, apesar da serenidade que se institui, o momento maior da transcendência se dá através da ausência de participação cognoscitiva do que é transcendido: G.H. tem uma vertigem e o *comer* do outro é um ato inconsciente.

Como uma transcendência. Transcendência, que é a lembrança do passado ou do presente ou do futuro. A transcendência era em mim o único modo como eu podia alcançar a coisa? Pois mesmo ao ter comido da barata, eu fizera por transcender o próprio ato de comê-la. E agora só me restava a vaga lembrança de um horror, só me ficara a idéia (p.161-2).

A compreensão desse instante maior do conhecimento humanamente nos ultrapassa. Jung, em sua obra *Interpretação psicológica do dogma da trindade* (1971), declara que “o homem nunca se sente como sujeito, mas sempre como objeto de tal acontecimento” (p.40). É um enigma cuja resposta, embora dada ao ser, fica em aberto. Ocorre uma *re-revelação*. E mais, ainda conforme

Jung, o ser não pode nem “vangloriar-se de a ter compreendido adequadamente” (Op.cit. p.40).

Como no final de *O reino deste mundo* (1948), Alejo Carpentier constata que “o homem nunca sabe por quem sofre e espera” (p.117). Contudo, em oposição ao Reino dos Céus, com sua hierarquia, com o enigma decifrado, sem grandezas a conquistar, o melhor do humano “consiste precisamente em querer melhorar a si mesmo, a impor-se Tarefas” (id).

Não é outra a constatação de G.H. ao afirmar que o reino de Deus “também é deste mundo” (p.143) ou ainda de forma mais esclarecedora: “o divino para mim é o real” (p.163). Mesmo que o erotismo sagrado e a transcendência se revelem como recusa e fracasso — ela cospe o que havia ingerido — mesmo que, e justamente por isso, a lei imanente seja a de que “a barata só será amada e comida por outra barata; e que uma mulher, na hora do amor por um homem, está vivendo a sua própria espécie” (p.165).

Abrem-se, então, outras possibilidades de abordagens do ser, não mais a do erotismo sagrado, mas dos corpos e dos corações que Clarice irá explorar no seu romance seguinte, num relacionamento dialógico entre um homem e uma mulher e que, já a partir do título, é extremamente clarificador: *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres...*

ELEMENTOS DESVELADORES DO PROCESSO DA ESCRITURA EM *A PAIXÃO SEGUNDO G.H.*

Já analisamos a importância dos travessões como elementos elucidativos do processo de criação no romance em foco. Há que se esclarecer outros pontos relevantes quanto à escritura clariciana em *A paixão segundo G.H.*

Um deles é a escolha pertinente e eficaz das letras *G* e *H* como elementos estruturadores da narrativa em que está inserida a personagem. O *G* possui uma ambigüidade fonética, funcionando ora como consoante oclusiva velar sonora em “gato”, “gota”, “agudo” (ou ainda de forma dígrafa em “foguetes”, “guiar”); ora, eventualmente, como fricativa palatal sonora em “gelo”, “girafa”. Essa duplicidade aponta para a dicotomia, para a ambivalência e, dentro do nosso enfoque, para o situar-se no *entre* da personagem em processo. Por sua vez, o *H*, letra que aparece imediatamente após o *G*, também não de forma arbitrária, é uma letra muda na língua portuguesa, remetendo, portanto, para a ausência, para o silêncio, para o que não se exprime; enfim, dentro do contexto aqui trabalhado, para o neutro: representa-o, no entanto não o expressa.

E, por fim, outro elemento que abarca praticamente toda a obra de Clarice Lispector e que aqui, como um todo, aponta para a imanência: o uso compulsório da comparação, da analogia. Se a metáfora pretende estabelecer uma identificação, as analogias geram uma aproximação. Os “como”, “assim como”, “como quando”, “como quem” e “como se” minam praticamente toda a trajetória criadora clariciana e já foram amplamente analisados por Olga de Sá em *A escritura de Clarice Lispector* (1979). Indicam, na paixão de G.H., não uma igualdade, mas uma aproximação, um *quase*, revelando, reiteradamente, a impossibilidade de transcender, ao nível da linguagem, o mundo lingüístico conhecido: “Não tenho palavras para exprimir, e falo

então em neutro” (p.155). A procura da nomeação é, portanto, outra das condições do humano que a personagem-narradora se institui como meta, embora sem jamais atingi-la plenamente: “(...) e não estou entendendo o que estou dizendo, nunca! nunca mais compreenderei o que eu disser. Pois como poderia eu dizer sem que a palavra mentisse por mim?” (p.175).

O “véu de Maya” abarca tanto o eu que viveu a experiência como o processo da tentativa de descrevê-la. Ontologicamente, impossibilidade do ser, pois acaba sempre no silêncio. E, no entanto, mesmo assim, tarefa humana, tarefa de criação, uma vez que, através da “mentira da palavra”, é recriada a verdade humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Porto Alegre, L & PM, 1987.
CARPENTIER, Alejo. *O reino deste mundo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1985.
ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Lisboa, Livros do Brasil, s/d.
JUNG, Carl Gustav. *Interpretação psicológica do dogma da trindade*. Petrópolis, Vozes, 1979.
LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. 4.ed. Rio de Janeiro, Sabiá, 1970.
———. *A paixão segundo G.H.* 7.ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1979.
———. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. 9.ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1979.
OLIVEIRA, Solange Ribeiro de. *A barata e a crisálida: o romance de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1985.
SÁ, Olga de. *A escritura de Clarice Lispector*. Petrópolis, Vozes, 1979.